MACUNAJMA REVISITADO: NEUROSE E IDENTIDADE

Robson Pereira Gonçalves*

O papel do artista não é figurar uma nacionalidade, mas transformá-la de maneira a sintetizar na obra dele o que na pátria está disperso.
Mário de Andrade

Muito mais do que entender Macunaima como ícone de uma identidade brasileira, de um caráter nacional, nossa perspectiva é a de apontar naquele texto a denúncia de neurose que compõe a identidade dos falares brasileiros. A intenção de revisitar, no nosso ponto de vista, tem essa dimensão do retorno ao sintoma insistente - a qual identidade aderir? o que é verdadeiramente ser brasileiro? que língua é essa, a brasileira? Essas questões, via de regra, são levantadas pelas referências do texto de Mário de Andrade. Quando nos reportamos pela primeira vez ao Macunaima, o fizemos com o intuito de apreender o que é isso de não ter caráter e como isso se amolda na cultura nacional.¹ Naquela perspectiva, a orientação se detinha nos múltiplos planos que engendram a rapsódia marioandradina, seja pelos componentes antropológi-

* Professor do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria.
cos que estruturam a cultura nacional (mitos, ritos, folclore), seja pela dimensão sociológica que mapeava a composição e actancialidade dos personagens. Nessa medida, revisitar o texto é repetir o sintoma com diferença, não do mesmo à maneira da estilística, mas do múltiplo que organiza a subjetividade.

Um primeiro passo em direção à identidade do *Macunaíma* é vislumbrarmos a possibilidade de conceituar uma identidade sem identificação. Nessa dimensão, identidade não se configura, aqui, como síntese da multiplicidade (virtual na composição do herói), porém conjuga o confronto dessa multiplicidade com o não-senso, cujo resultado é uma identidade sem identificação. O que se aponta acima é o desfilar do sintoma da fala brasileira que, na narrativa de Mário de Andrade, se traveste de criação de sentidos. Dessa forma, ritos, folclore, regionalismos, mitos, falares e sotaques são empregados como um *atravessamento* dos múltiplos sentidos (significados) da brasilidade, para chegar a uma referência última - o *herói sem nenhum caráter* - que é um não-senso, que é uma identidade sem-sentido, ou sem identificação. Mas, então, o que mimetiza a narrativa? Mário de Andrade se reporta, numa carta a Camargo Guarnieri, à criação do sentido na arte que conduz o processo mimético a produzir coisas graciosas, profundas, ardentes:

*Um artista da mesma forma como pode imitar outro alguém, pode também imitar as ordens gerais da criação, fazer uma coisa que ele quisesse que seja profunda, fazer outra coisa que ele quisesse que seja graciosa, fazer outra que ele quisesse que seja ardentе.*

Aquela questão de mimetizar uma referência identificatória é o que se discute, quase sempre, quando se trata do *Macunaíma*. O exemplo da formação étnica brasileira, na narrativa do episódio Piaimã, ilustra criticamente esse balanço entre o que aqui se refere como identidade e aquele desejo de uma identidade baseada no modelo importado. Como o próprio Mário explica, o que o artista faz é transfigurar essas referências e não identificá-las como símbolo de uma identidade, de uma nacionalidade. A nacionalidade se faz no sintoma da língua e o

---

sentido da arte na criação de significâncias. Dessa forma, a possibilidade de síntese em Macunaíma está nessa transformação que a narrativa faz daqueles múltiplos que não se unificam neuroticamente na realidade brasileira, porque a busca da unidade numa identidade é uma busca neurótica, é apagamento de todas as diferenças.

O estatuto neurótico dessa busca de identificação foi explorado pelo mestre MD Magno num texto intitulado Neurobras $ô$a, onde o autor trata de um sintomático brasileira. O título remete para a fórmula da fantasia ($ô$a) - sujeito barrado punção de a, cujo destino no ensino lacaniano é apontar a relação do sujeito (seus sintomas) com todas as formas que apresentam a falta original. Nessa medida, MD Magno invoca o espírito de mazombo tão inertrado no Brasil colonial, para falar desse sintoma que rege a problemática da identidade no Brasil e, por extensão, de Macunaíma. O mazobismo reflete essa neurose em torno de uma identidade, pois que o termo mazombo referia-se ao filho de português (europeu) nascido por aqui. Via de regra o mazombo, obsessivamente, era um ufanista de sua nacionalidade brasileira e um nostálgico pela herança sanguínea da riqueza cultural européia. O problema do mazombo é a obsessão de um sentido dado: brasileiro por nascença e europeu pela herança sanguínea. Afinal, qual era a sua identidade real? O tirar partido da situação sempre foi um sintoma nacional, apontado por Macunaíma. Essa vertente pode exprimir o surgimento daqueles que chamamos de malandragem, herança européia do pícaro espanhol, do trickster inglês, mas que aqui resulta na indicação do sintoma brasileiro e da fantasia nacional. O ato falho do personagem no episódio da Carta prás Icamiabas ilustra decididamente essa vertente neurótica do mazombo em relação à língua a ser falada: a culta e barroca ou a brasileira, rica em sonoridades e invenções.

A neurose é, em psicanálise, a primeira estrutura existencial que engendra a teoria do inconsciente freudiano. Freud via a neurose como um conflito psíquico (fóbico, histérico ou obsessivo) oriundo daquilo que o mestre chamou de recalque. Nessa perspectiva, o significante do desejo é transformado pela neurose em sintoma, que é fruto do recalque. A questão da identidade passa pelo conhecimento daquele recalque, pois o que se sintomatiza é aquilo que foi excluído em sua origem.

---

e no entanto, passível de retorno. Neurotizar esse destino de dubiedade, de carnavalização de nossa identidade é o que se faz comumente, como exemplifica *Macunaíma*, que quer recalcar o retorno do recalque, numa forma obsessiva de buscar alhures o que está essencial aqui, na fala e na invenção de ser brasileiro. Como ensina MD Magno:

> Considero *Macunaíma* uma verdadeira denúncia da neurose brasileira, um caso clínico, mesmo que apresentado pelo avesso, configurado no vulto desse *Macunaíma* enquanto ‘erói’, sem h, sem nenhum caráter. Como isto é possível no campo do sentido, a não ser como demonstração pelo avesso? Se é sem nenhum caráter, já é algum caráter ser sem nenhum.¹⁵

O problema de *Macunaíma* não ter caráter reflete a obsessão de um sentido dado, de buscar um sentido. Isso é próprio dessa neurose de uma busca de identidade nacional que, *a priori*, já tem estabelecido o seu significado. A obra de arte que se preze é aquela que bem diz o sintoma da criação e, em seu retorno, inventa e constrói sentidos. Nessa situação, o personagem reflete mimeticamente aqueles múltiplos da brasilidade mas não constrói o sentido de um caráter. Diferentemente, a obra *Macunaíma* é exemplar na invenção de sentidos novos, porquanto expõe e bem diz o sintoma de uma fala brasileira, de uma arte brasileira.

Uma identidade sem identificação é tarefa que Mário de Andrade nos lega: seu *Macunaíma* não é o depositário dos sentidos do Brasil, antes é obra-de-arte que inventa sentidos, rompe com as neuroses dos sentidos dados e aponta para uma identidade de última instância. Essa identidade de última instância é a identidade sem identificação, ela é multiplicidade e caos porque indiferencia, pelo não-senso, todos os traços que organizam a brasilidade. Superar o mazombismo e o confor-mismo dos sentidos dados é o que nos outorga a boa obra literária. Quando Mário de Andrade ironiza no episódio *A pacuera de oibê* as identidades que seu herói leva da civilização - a galinha *Legorne*, o relógio *Pathek* e o revólver *Smith-Wesson*, estaria mostrando esse mazonbismo tão impregnado no sintoma brasileiro. Que sentido tem essa

---

¹⁵ Idem, ibidem, p.21.
identidade da civilização no Uraricoera? Como transformar o sentido da nostalgia na criação maníaca e não barroca de bem-dizer o sintoma que cria sentido brasileiro?

O vocabulário maníaco é usado por MD Magno para falar de uma superação da neurose, por exumarm o sentido dado como causa da construção do sintoma brasileiro. O autor emprega a expressão, como forma de indicar o sintoma nacional em sua vertente de criação de sentido, em oposição aos termos clássico e barroco que engendram a herança cultural europeia. A construção maníaca defendida por MD Magno visa a resgatar exatamente o lugar terceiro do falanjo - ponto fulcrum do ato poético na construção dos sentidos e equivocação dos sexos. Nessa medida, o maníaco pródigo da sintomatização brasileira espeharia a assunção daquelles múltiplos que regram a fala e as actanialidades de nossa gente (o jeitinho, a malandragem, o avesso, etc). Dizer o sintoma em sua vertente inventiva é o que intenta a narrativa marioandradina. Dessa forma, muito mais do que simbolizar uma identidade, uma vez que remete para um sentido dado, o maníaco seria esta forma de superar o conformismo, a obsessão do signifiédo do caráter nacional, uma vez que é proposto com alegoria desse sintoma que intenta reinventar a fala brasileira. Esse sintoma se expressa na assertiva mais sintomática de Macunaíma - Aí! que preguiça! ou no dústico que atravessa a narrativa - muita saída e pouca saúde os males do Brasil são - que denotam o maníaco enquanto denúncia daquele sintoma que quer se espelhar no ideal europeu e positivista do estandarte Ordem e Progresso. O ideal macunaímico de brincar, do prazear o sintoma, é tomada falange daquela alegoria primordial de uma construção de sentido, por isso vige neste bem dizer a emergência de uma identidade. Pela exacerbacao dos contrários, Mário de Andrade inventa a construção da superação deles próprios, o que caracteriza a rapsódia como um invento que constrói a possibilidade de gozo estético.

Macunaíma sendo uma tensão entre uma coisa e outra - não-senso e criação de sentido - acaba por “criar” um novo sentido de identidade. Nessa medida, o sentido dado no uso dos mitos, folclore, cantigas, regionalismos, e o não-senso tensionam o sintoma da narrativa a ponto de, pela criação, re-dimensionar o novo que é simbolizado nas artima-

---

nhas da língua. Não é um mancionismo a estória ter sido doada ao bicho-
homem pelo papagaio que, depois de contar o "causo", bateu asas para
Lisboa? Quem quiser que invente sua estória para não ser o brilho
bonito mas inútil porém de mais uma constelação.